

**CONVERSA ORAL INFORMAL E  
LINGUAGEM VAGA - “UM BOCADO” E  
“UM BOCADINHO”:** contributos para o  
ensino do português língua estrangeira<sup>1</sup>



**Isabel Margarida Duarte**

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto*

**Ângela Carvalho**

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto*

**Resumo:** Usamos, no discurso oral informal, linguagem vaga normalmente mais adequada aos objetivos da comunicação do que uma linguagem precisa, dado que a primeira permite focalizar a informação que, estrategicamente, realiza os objetivos do locutor. Protege quem fala de responsabilidades, permitindo igualmente economizar do ponto de vista enunciativo e textual. A vagueza contribui ainda para que o falante goze de velocidade e fluidez de elocução. Com este texto pretendemos, pois, contribuir para um maior conhecimento da linguagem vaga no âmbito do Português Europeu Contemporâneo, apresentando um estudo exploratório com os seguintes objetivos: (1) destacar duas expressões linguísticas de vagueza da categoria quantificadores vagos, atenuadores, mitigadores (“um bocado” e “um bocadinho”) e estudar o seu valor pragmático; (2) analisar estas expressões, em corpora, que não se limitam à quantificação vaga, mas que desempenham igualmente outras funções; (3) apresentar algumas propostas didáticas para a sua abordagem, tendo em conta as dificuldades que podem colocar a aprendentes de Português Língua Estrangeira (PLE), a nível de compreensão do oral.

**Palavras-chave:** Ensino de Português Língua Estrangeira; Registo oral informal; Quantificador vago; “um bocado/um bocadinho”.

## **1. Introdução**

Usamos, no discurso oral informal, sobretudo no género conversa espontânea (Kerbrat-Orecchioni e Traverso 2004), linguagem vaga, normalmente mais adequada aos objetivos da comunicação quotidiana do que a utilização de linguagem muito precisa e rigorosa. Essa vagueza linguística permite proteger aquele que fala de responsabilidades em relação ao que diz, e também economizar do ponto de vista enunciativo e textual. Zhang refere, a este propósito, o conceito de “elastic language”: “we adjust, modify, and manipulate our words to accommodate particular discursive needs” (Zhang 2015, 5). Na verdade, a plasticidade da linguagem permite que ela se ajuste às nossas necessidades comunicativas, à interação, aos jogos de

---

<sup>1</sup> Este texto retoma e alarga o estudo apresentado sobre a forma de poster no *XXVIII Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romana*, em Roma.

aproximação e distanciamento social e pessoal que, em permanência, construímos por meio dela. A função da linguagem vaga em que mais nos interessa atentar é, no entanto, a de “atenuação”: “Mitigation consists of self-protection, politeness, and downtoning” (Sabet e Zhang 2015, 114). Os quantificadores vagos analisados – “um bocado” / “um bocadinho” – fazem, a nosso ver, parte do grupo dos *downtoners*, *detensifiers* or *diminishers* (Channell 1994) e têm por função mitigar, não só a expressão da quantidade, mas sobretudo a força ilocutória de asserções produzidas pelo locutor, atenuando, na maior parte das ocorrências analisadas, o nível de comprometimento e o grau de intensidade da avaliação crítica do locutor a propósito do estado de coisas do qual fala. Estes quantificadores vagos são *downtoners* que “minimize the force of verbs and downtone the intensity of adjectives” (Ruzaité 2007, 94, *apud* Sabet e Zhang 2015, 123), e que marcam a não responsabilização total de quem fala a propósito do conteúdo proposicional dos enunciados produzidos: eles “usually indicate degree and apply to gradable expressions” (Zhang 2015, 135), como veremos abaixo. Os elementos de linguagem vaga estudados são considerados na sua relação com o género de discurso em apreço e com a língua e a variedade em causa: trata-se, neste trabalho, de discurso oral interacional informal em Português Europeu Contemporâneo (PEC).

Com efeito, as orientações teóricas que estudam o uso da língua e não o sistema abstrato, como a Pragmática e a Análise do Discurso, defendendo que “uma língua enquanto sistema é indissociável da sua função comunicativa” (Matos 2008, 391), não produziram ainda, em Portugal, descrições em número suficiente, contrariamente ao que acontece no Brasil, por exemplo, onde tem sido dada mais atenção aos usos reais, sobretudo orais, como atesta, entre outros trabalhos, a gramática da autoria de Maria Helena Moura Neves (2000)<sup>2</sup>. Em Portugal, são escassos os trabalhos baseados em *corpora* que se debruçam sobre os usos da língua em produções orais, nomeadamente interacionais e informais<sup>3</sup>. O elenco das descrições existentes, realizado por Johnen (2012, 309), confirma a sua escassez<sup>4</sup>. O nosso contributo para a descrição que falta fazer será, neste texto, reduzido: vamos ater-nos a dois elementos (“um bocado” e “um bocadinho”) que aparecem com frequência na conversa informal oral em PEC, salientando nós, com Bloommaert e Varis (2015), a importância do *small talk* para a vida social.

---

<sup>2</sup> Também a gramática de Azeredo (2008), não sendo uma gramática de usos, revela uma atenção muito especial a eles.

<sup>3</sup> Basta analisarmos a recente gramática da Fundação Gulbenkian (2013) para verificarmos como continua a faltar-nos um estudo sistemático dos usos efetivos da língua em diversas situações.

<sup>4</sup> Com exceção dos estudos de Fernanda Bacelar, Maria Helena Carreira, Ana Cristina Macário Lopes, Aldina Marques, Felicidade Moraes e poucos mais autores.

A necessidade de uma gramática de usos para o ensino do Português Língua Estrangeira (PLE) é, a nosso ver, premente. Para estudantes que estão em imersão, em algum dos países onde se fala português, a língua que aprendem nas aulas, através de uma gramática normativa e prescritiva, escassamente se parece com aquela com que depois se confrontam, fora da sala ou, dentro dela, em documentos autênticos. Por vezes, a distância entre ambas é tão grande que não conseguem compreender quase nada do que ouvem e, logo, se lhes torna impossível a interação. Essa dificuldade sentem-na também alunos que estudam PLE fora de Portugal, quando contactam com textos autênticos, sobretudo orais e informais, o que hoje em dia está muito facilitado pelo acesso à Internet. Acontece com frequência alunos que conhecem bem as regras da gramática não serem capazes de compreender um documento oral real. Esses documentos talvez não entrem, com a frequência devida, nas aulas de PLE e os alunos, quando os escutam, sentem vários tipos de dificuldades. Vamos apenas deter-nos nas expressões referidas, cujo desconhecimento dificulta a compreensão da oralidade, mormente de um registo informal, cuja descrição não está nas gramáticas, deixando de lado um conjunto de outras dificuldades não abrangidas pelo âmbito desta reflexão, mas para as quais os documentos oficiais do Ministério da Educação (2008) chamam a atenção:

[...] contrariamente àquilo que acontece com línguas como o espanhol ou o italiano, e com o português do Brasil, o português europeu contemporâneo caracteriza-se por um enfraquecimento das vogais átonas, o que o torna, na sua modalidade oral, bastante difícil de descodificar por falantes não nativos. Uma velocidade de elocução alta acentua este fenómeno, motivando processos fonológicos como supressões, assimilações e metáteses, que afastam bastante o formato de uma palavra ou de uma sequência fónica da sua representação gráfica. Daí a necessidade de, na sala de aula, se prestar particular atenção à componente oral, em especial à compreensão. (Ministério da Educação 2008, 10).

Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), temos feito levantamentos das perceções dos alunos sobre as suas próprias dificuldades de aprendizagem do PLE e é na compreensão e na produção orais (obviamente na interação também) que elas se situam maioritariamente, na opinião dos respondentes<sup>5</sup>. Por outro lado, temos verificado que uma das maiores motivações para a aprendizagem desta língua se encontra na possibilidade de falar com e compreender falantes nativos de PEC.

Experiências feitas no âmbito da concretização dos projetos de

---

<sup>5</sup> Tivemos em conta os dados do questionário preenchido por 164 alunos de 9 turmas do Curso Anual de Português para Estrangeiros 1º e 2º semestres e 1 turma do Curso de Verão de Português para Estrangeiros (nível A1.2, QECR) entre outubro de 2013 e março de 2016, nas aulas de Ângela Carvalho, e a comunicação de Tomé e Carvalho (2016).

investigação-ação de que alguns relatórios de estágio<sup>6</sup> dão conta atestam as dificuldades com as quais se confrontam os aprendentes, com pouco ou nenhum contacto com conversas autênticas e sujeitos, a maior parte das vezes, antes da chegada a Portugal, a um estudo mecânico da gramática, em que se limitam a conhecer regras e a aplicá-las, de seguida, em exercícios estruturais de preenchimento de espaços em branco, e também quase sem contacto com falantes nativos de PEC ou com documentos orais autênticos. Esta cultura de ensino cria por vezes um outro entrave: a resistência de alguns estudantes estrangeiros a estudar o que não é reconhecido como a língua culta e a gramática normativa e prescritiva. A representação do que é, para cada um dos estudantes, aprender uma língua estrangeira deverá ser um dado a ter em conta em novos inquéritos, porque essa representação condiciona, a nosso ver, a atitude em face da aprendizagem.

### 1.1. Objetivos

Com este trabalho, propomo-nos contribuir para o conhecimento da linguagem vaga em PEC, com um estudo exploratório sobre dois quantificadores nominais vagos, tendo como objetivos os apresentados seguidamente:

- 1) estudar duas expressões linguísticas de vagueza da categoria *vague quantifiers, downtoners, detensifiers* (“um bocado” e “um bocadinho”) e o respetivo valor pragmático;
- 2) analisar, em conversas reais, ocorrências destas expressões que não são apenas de quantificação vaga mas têm outras funções discursivo-enunciativas;
- 3) apresentar algumas propostas didáticas para a sua abordagem, tendo em conta as dificuldades que podem colocar a aprendentes de PLE, a nível de compreensão do oral.

### 1.2. Ponto de partida

A escolha destas expressões decorre, por um lado, (1) da sua alta frequência na linguagem falada em registo informal e, por outro, (2) do vazio informativo sobre os respetivos valores pragmáticos (as explicações de gramáticas e dos principais dicionários não correspondem aos usos elencados depois da análise dos *corpora*). Um último ponto de partida que impulsionou esta indagação (3) foram as dificuldades reveladas por estudantes de PLE, especificamente com estas expressões.

O elevado nível da sua ocorrência na oralidade pode ser percebido pelos gráficos (1) e (2) gerados no Corpus do Português de Davies e Ferreira (2006), em que é visível que as expressões são mais usadas em PEC do que no

---

<sup>6</sup>Trata-se de relatórios finais do *Mestrado em Português Língua Segunda / Língua Estrangeira* da mesma Faculdade, como Bagão (2014), Baptista (2016) e Rocha (2016), por exemplo.

Português do Brasil, têm um uso recente e se utilizam sobretudo na oralidade. Estas tendências são mais marcadas ainda no caso de “um bocadinho”, como se pode ver confrontando os dois gráficos<sup>7</sup>.

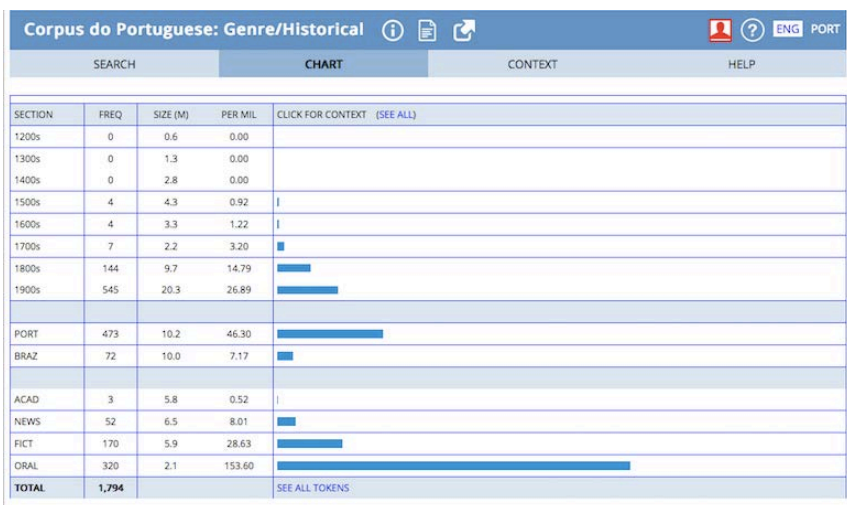


Gráfico 1: Gráfico gerado pelo Corpus do Português para “um bocado”

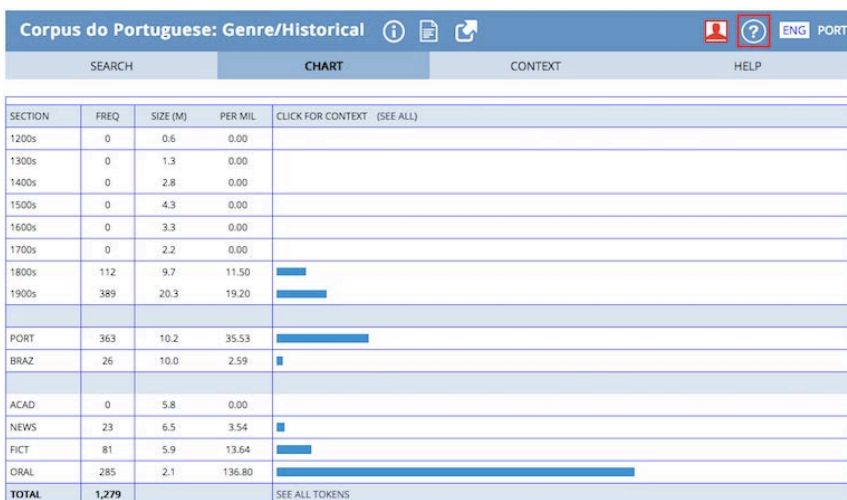


Gráfico 2: Gráfico gerado pelo Corpus do Português para “um bocadinho”

<sup>7</sup> Se se pesquisar no novo *corpus* dos mesmos autores, que inclui também documentos de Angola e Moçambique e é composto por textos da Internet, reforça-se a ideia de que é em Portugal que as duas expressões em causa mais se utilizam e no Brasil que são menos empregues. Nos países africanos referidos usa-se “um bocado” e “um bocadinho” menos do que em Portugal, mas mais do que no Brasil, pelo menos na Internet.

Como dissemos, o uso das expressões em causa é sobretudo oral<sup>8</sup>, como atestam estes gráficos, mas disso é também testemunha uma crónica já por nós trabalhada em outro texto (Duarte e Carvalho 2016a), cujo autor faz uma paródia ao uso excessivo de marcas típicas do discurso oral informal, exagerando a frequência dessas marcas para, por meio desse exagero, criar um efeito de crítica através do humor. Ora, nesse texto de que citamos abaixo excertos, há justamente também a expressão "um bocado", prova de que é típica de um discurso pouco vigiado e quotidiano:

A situação é **um bocado** esta, as pessoas, quer dizer, enquanto falam e isso, usam por tique algumas palavras e expressões, que não servem para nada de especial, tipo, habitaram-se a falar assim, e, portanto(s), falam. [...] Pronto(s), é assim, mesmo quando não estou nem aí, como quem não quer a coisa, posso incorrer num desse tiques **um bocado** foleiros, mas isso sou eu, claro está. [...] Então, dizer 'é assim' é uma forma de fazer com que o outro sintonize - estás-me a acompanhar? - só para chamar a atenção, mas há quem diga é assim **um bocado** imenso. É totalmente surrealista dizer 'um bocado imenso' e não sei quê, tudo e mais alguma coisa é totalmente surrealista para algumas pessoas. (Halpern 2012)

Quanto ao que sobre “um bocado” dizem as gramáticas, não nos parece ser informação suficientemente completa, tendo em conta as ocorrências encontradas em *corpora*. Brito (2003, 362) fala de "expressões quantitativas nominais", e acrescenta que elas “[p]odem ser de dois tipos: o primeiro é constituído por formas nominais como *pouco, tanto, nadinha, parte, porção, bocado* seguidos de *de N*: exp. De Quant + *de* + N. Em qualquer destes casos exprime-se uma *quantificação vaga* que refere “uma parte globalmente considerada.” A autora acrescenta adiante que

[...] nas expressões quantitativas com forma nominal o nome da quantidade tem um estatuto híbrido funcional / lexical: *funcional*, porque constitui uma forma de quantificação, e *lexical*, porque há interdependência entre a natureza semântica do primeiro e do segundo nome.

Mas há uma gradação em relação a essa interdependência lexical: ela é fraca com nomes como *dúzia*, uma vez que se pode usar com qualquer tipo de nome quantificável. (Brito 2003, 363-364)

No caso das expressões quantitativas nominais vagas analisadas por nós, a interdependência lexical é quase inexistente, dado que se podem usar com qualquer nome quantificável. Tendo em conta a palavra “bocado” (e o

---

<sup>8</sup>Mas as ocorrências na Internet, de que a nova versão do *corpus* de Davies e Ferreira (2006) dá conta, atestam um uso bastante elevado de ocorrências das expressões em estudo em blogs e outros documentos da Internet, que relevam, eventualmente, de algum grau de informalidade, típico a merecer posterior indagação.

diminutivo “bocadinho”), podem mesmo usar-se com outras estruturas que não *de+N*. “Bocado” e “bocadinho”, no discurso oral, sobretudo no género conversa oral informal, entram em outras estruturas e têm várias outras funções.

Por fim, e quanto ao último aspeto dos três pontos de partida mencionados e que justificam este trabalho, partimos de um diálogo onde foram elecandos alguns fenómenos linguístico-discursivos que causam dificuldades de compreensão aos alunos de PLE e que as atuais descrições gramaticais não resolvem. No diálogo, interagiram dois falantes não nativos de PEC estudantes de PLE da FLUP e um falante nativo, estudante do 1º ano do *Mestrado em Português Língua Segunda / Língua Estrangeira*. O texto abaixo é a transcrição de um excerto da gravação do referido diálogo:

Aluno: que outras línguas / falas?

N: inglês // francês // **um bocadinho** // italiano // **um bocadinho**

Aluno: como? / bo / bocadim? / pocadim?

N: bo.

Aluno: sim / sim como se escreve?

N: b / b //

Aluno: d?

N: b / b / b de boi.

Aluno: b? b.

N: b.

Aluno: b / ok.

N: b / o / c / c de cão / a / d / i / n //

Aluno: bocadin.

N: nho / h //

Aluno: agá? agá es? //

N: o.

Aluno: oh / ok / sim.

N: **um bocado / mais pequenino.**

Aluno: per / per / porque eu digo / digo? / eu digo “muito poco” // creio que no é correto.

N: é a mesma coisa.

Aluno: ah / si / é correto?!

N: sim // significam a mesma // a mesma coisa.

Aluno: ah! / ok / ok.

Aluno: falo espanhóis / ou espanhol? / espanhol / italiano / **muito pouco / mui poquito** português<sup>10</sup>.

Tendo em conta o exposto, partimos para o trabalho exploratório, adotando a metodologia que seguidamente se descreve.

<sup>9</sup> Ver Baptista (2016).

<sup>10</sup> Fonte : Baptista (2016).

### 1.3. Metodologia

Num primeiro momento, (1) escolhemos trabalhar sobre quantificadores vagos, na sequência de outro trabalho anteriormente realizado (Duarte e Carvalho 2016b) e, de entre o conjunto dessas unidades, (2) isolámos “um bocado” e “um bocadinho”. De seguida (3), procurámos o respetivo valor em gramáticas de referência e dicionários, em que encontrámos explicações breves que intuimos serem insuficientes pelo menos para explicar o uso em contextos informais e orais. Em consequência, (4) consideramos um *corpus* (C-ORAL-ROM) cuja análise confirmou a nossa intuição, ou seja, que estas expressões têm outros valores semânticos e funções pragmáticas variadas. Posteriormente, (5) tentámos encontrar as funções e os valores mais frequentes presentes nos enunciados analisados. Por fim, (6) equacionámos algumas possibilidades de abordagem didática das expressões em apreço, no âmbito mais lato da inclusão e tratamento didático do género conversa oral informal nas aulas de PLE.

### 1.4. *Corpora*

Foram os seguintes os *corpora* consultados: C-ORAL-ROM e *corpus do Português*, Davies e Ferreira (2006). Do primeiro *corpus*, foram analisadas 320 ocorrências de “um bocado” e 217 de “um bocadinho”. Os exemplos referidos no texto, exceto o excerto de conversa transcrito atrás, foram todos retirados deste *corpus*.

### 2. Análise das ocorrências de “um bocado” e “um bocadinho”

A estrutura mais frequente em que ocorre o quantificador “um bocado” é formada por um *Verbo copulativo* [*assim*] *um bocado* + (i) [*adjetivo (com valor negativo)*], como nos exemplos (2) e (3), ou (ii) sem adjetivo mas com o mesmo valor negativo, como em (4) ou ainda (iii) V copulativo + um bocado + outros elementos (geralmente SPrep), como em (5), num total de 164 ocorrências. Isto é, em 51,2%, mais de metade do total de ocorrências, a estrutura em que “um bocado” se inclui não corresponde a *um bocado de*+ N, como refere Brito (2003), mas, tipicamente, poderia ser assim resumida: *sujeito* + V copulativo + [*assim*] *um bocado* + *adjetivo (com valor negativo)*, como em (2) e (3)

(2) aquilo são dois computadores//é **um bocado** complicado/ e/ burocrático/ (pfamcv04)

(3) quer dizer /não na escolha do curso/ pá /porque isso foi uma coisa assim **um bocado** arbitrária /digamos assim //só /depois de ter começado o curso/ é que comecei mesmo a apaixonar-me por esses assuntos/ pá// (ppubmn01)

(4) e depois aquilo no fim/ eu acho que dá assim + um é assim **um bocado** (pfamcv10)

(5) a gente ficou assim **um bocado** de pé atrás // tipo/ "então o



que é que se passa aqui"? (pfamdl09)

Em (2) e (3), estamos na situação típica que Ruzaitê (2007) refere, em que o quantificador vago “downtone the intensity of adjectives” (“complicado”, “burocrático”, “arbitrária”, são adjetivos com conotação negativa), como acontece na maior parte das ocorrências estudadas, numa tentativa de autoproteção do locutor. Em (4) e (5), embora sem adjetivo explícito, há o mesmo valor de diminuição da intensidade do juízo negativo veiculado pelo enunciado. As ocorrências tidas em conta neste grupo poder-se-iam considerar, de acordo com a nomenclatura gramatical tradicional, locuções adverbiais. É esse um dos valores atribuídos a “um bocado” no *Dicionário da Academia* (2001)<sup>11</sup>, quando regista, numa das aceções de “bocado”: “*loc.adv.*, um pouco, um tanto □MUITO. *Estava um bocado abatido.*”. Se este dicionário aponta, para esta estrutura, um valor oposto a “muito”, já o *Dicionário Houaiss* (2001) se aproxima mais, numa das aceções de “bocado”, do valor semântico dos usos com que nos deparamos na estrutura mais frequente de que acima demos conta, ou seja, “um bocado” situa-se do lado do *muito* e não do lado do *pouco*, se imaginarmos uma gradação que vai do *pouco* ao *muito*, embora, na segunda aceção que transcrevemos do mesmo dicionário também, “um bocado” já seja sinónimo de *pouca quantidade de*: “**um b.** muito, bastante, um tanto (*hoje andamos um b.!*) (*é um b. ousado esse menino!*). **um b. de 1** grande quantidade ou variedade de (algo) (*perderam um b. de dinheiro com aquilo*). **2** um pouco de, um pouquinho de (*está a fazer um b. de frio*)”.

Em Azeredo (2008), descrevem-se elementos com valores semelhantes dentro da classe dos “adjuntos verbais”, nomeadamente dos chamados “adjuntos secundários” (Azeredo 2008, 287), cujo conteúdo avaliativo pode exprimir, por exemplo, intensidade (como “um pouco”, que podemos aproximar de “um bocado”). “Um bocado” e “um bocadinho” são dados como exemplos de locuções adverbiais por Raposo (2013, 1581). “Um bocado” e “um bocadinho” são também exemplo, para este autor, de locuções adverbiais com valor semântico de “grau ou quantidade” (Raposo 2013, 1582). Esta descrição corresponde ao uso a que nos referiremos a seguir.

Em segundo lugar em número de ocorrências, temos a estrutura V + um bocado com 64 ocorrências, isto é, 20% do total, como no exemplo (6)

(6) eh/ não sei se nós não teremos **um bocado** a culpa// nós/ e  
quando eu digo nós/digo os pais/os professores/os educadores/no  
fundo// porque acho que falta-lhes **um bocado** isso// (pfamd118I)

Se é certo que poderíamos fazer uma leitura quase literal e quantitativa de “um bocado”, que permitiria parafrasar o exemplo como em (6), perder-se-

<sup>11</sup> Verificamos ainda a entrada “bocado” e “bocadinho” no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora (2004), no *Dicionário de Moraes* (Silva 1987), no *Aurélio* (Buarque de Holanda Ferreira 1986), no *Houaiss* (Houaiss 2001), e no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1977).

ia o efeito de mitigação presente em (6), que sugere o seguinte: o locutor comunica a ideia de que “nós, educadores, temos culpa e aos jovens de hoje falta-lhes garra para lutarem” (cf. (7)), mas, simultaneamente, atenua a acusação feita, quer aos educadores, quer aos jovens de hoje, através do emprego de “um bocado” posposto ao verbo, cuja intensidade diminui. O locutor atenua a opinião desfavorável transmitida pelo seu enunciado, sobre a geração em causa, quando diz “falta-lhes um bocado a garra para lutarem” em vez de “falta-lhes a garra para lutarem.”, e sobre os educadores, quando diz “teremos um bocado a culpa” em vez de “teremos a culpa”, ou “temos a culpa”. O ato assertivo é também mitigado, no exemplo em causa, pelo uso dos verbos epistémicos “eu penso” e “acho”, bem como pelo uso do futuro (“teremos”) e da estrutura condicional “não sei se” que, aumentando o grau de incerteza epistémica, contribuem para a atenuação da asserção:

(6) eh/ não sei se nós não teremos culpa // nós / e quanto eu digo nós / digo os pais/os professores/os educadores/no fundo// porque acho que falta-lhes isso// (pfamd118)

(7) /// eu penso/ que esta geração/ falta-lhes **um bocado** a garra/ para lutarem// (pfamd118)

Quando a estrutura não tem N depois de “um bocado”, como na primeira ocorrência do exemplo (8), embora a expressão “um bocado” não seja um complemento mas um modificador verbal, há nela, como dizem Gonçalves e Raposo (2013) acerca dos complementos oblíquos não preposicionados, “um valor quantificacional [...]” e aproxima-se desses complementos que podem ser expressos “por um advérbio quantificacional indefinido como *bastante, imenso, muito e pouco*, entre outros, que designam um valor vago, ou indefinido, da escala expressa pelo verbo.” (Gonçalves e Raposo 2013, 1181).

(8) de qualquer maneira eu /quer dizer/ eu estava a fugir **um bocado** à pergunta /portanto /é **um bocado** incipiente (pf1242pu).

Dos dados analisados, poderemos dizer que “um bocadinho” é mais frequentemente indicador de pouca quantidade, mais vezes um quantificador nominal vago, enquanto “um bocado” se usa mais com valor de mitigação do ato de asserir, ou seja, é mais um operador de desresponsabilização do locutor, ou de enfraquecimento do valor epistémico do ato assertivo.

Já quanto a “um bocadinho”, “*um bocadinho de*” + N *quantificável* perfaz 6,9% do total de ocorrências, quase o dobro da percentagem das ocorrências equivalentes com “um bocado”. Mais um argumento a favor da ideia de que “um bocadinho” tem mais frequentemente função de quantificador do que “um bocado”. Quanto às restantes estruturas, temos *V* + [*assim*] *um bocadinho* [+SN] com 50 ocorrências, como na primeira ocorrência do exemplo (9)

(9) depois ela perguntou/ a capacidade do disco/ a memória/ e torceu **um bocadinho** o nariz porque/ achava que era **um bocadinho** lento/ (ptelpv07)

Parece que a proporção se inverteu em relação a “um bocado”, já que a estrutura mais frequente com “um bocado” [Verbo copulativo + [assim] um bocadinho + adjetivo (por vezes, sem adjetivo)] conta apenas com 31 ocorrências no caso de “um bocadinho”, em enunciados com valores semelhantes aos de (10)

(10) portanto eu /com o inglês /ah /não tenho a relação tão afectiva /como tenho com o francês /não é //eu isso acho que também é **um bocadinho** importante// (pfamd120)

Claramente, o que o locutor quer comunicar, embora diga “um bocadinho importante” é que acha muito importante para a aprendizagem a ligação afetiva que se tem com uma língua estrangeira. Portanto, contrariamente ao que seria de prever, tendo em conta as descrições gramaticais, nem sempre “um bocadinho” indica pouca quantidade ou fraca intensidade, sendo até muito frequente que se use como forma de querer comunicar o equivalente de *muito* ou *bastante*, sobretudo em contextos de modalidade apreciativa negativa mas, porque o locutor não quer comprometer a sua pessoa com a opinião negativa que o seu enunciado de tipo assertivo ou expressivo configura, usa “um bocado” / “um bocadinho” como forma de mitigar o ato ilocutório de crítica produzido.

Há, por outro lado, a participação destes elementos numa espécie de escala ou gradação em que poderíamos colocar ocorrências como (10) do lado do “muito”, enquanto, por exemplo (11), que é uma ocorrência de valor semelhante ao que aparece descrito em Brito (2003), valeria realmente por pouco:

(11) / morta com/ sangue no pescoço/ **um bocado** de sangue no pescoço/ (pmedsc01)

Estão neste grupo construções com **um bocadinho de + N [+]** concreto. Neste tipo de construções, “um bocadinho” parece apontar para uma quantidade mais pequena do que “um bocado”, como na segunda ocorrência de (12), o que nem sempre acontece, como veremos, já que, por vezes, “um bocadinho” remete, a nosso ver, para uma quantidade ou intensidade maior do que “um bocado”, como em (13).

(12) - eu até não sei se estará **um** / dá/ dá// **bocadinho** grossa //eu até lhe posso juntar **um bocadinho** de água// pois //está um bocadinho grossa //mas está muito //dá dá //boa// (pf1383pu)

(13) / e em termos de programação/ dá **um bocadinho** de trabalho (pnatpe02)

Com efeito, um enunciado como (13), sobretudo quando dito com uma determinada entoação que enfatize “um bocadinho”, significa que dá muito trabalho, não sendo, o diminutivo sinal de menor quantidade, como acontece também em (14). Como Rio-Torto refere, a propósito da formação de avaliativos, “os diminutivos são usados com valor pragmático de detonadores ou de articuladores de proximidade entre falantes, de cooperação empática

entre os interlocutores” e o afixo *-inh-* pode “codificar um grau intenso” (Rio-Torto 2016, 362), o que se aplica, a nosso ver, com alguma frequência, também à expressão “um bocadinho”.

(14) portanto eu/ com o inglês/ ah/ não tenho a relação tão afectiva/ como tenho com o francês/ não é// eu isso acho que também é **um bocadinho** importante// (pfamd120)

Mas, contra as expectativas de quem estudar apenas por uma gramática que não tenha em conta a atestação de exemplos de *corpora*, só 3,7% das ocorrências por nós analisadas correspondem ao padrão “um bocado de + N concreto”, com valor de quantificador equivalente a “pouca quantidade de”. Já com “um bocadinho”, a percentagem parece ser superior, pois “um bocadinho de + N concreto”, indicando pouca quantidade, perfaz 6,9% do total de ocorrências estudadas.

A expressão “um bocado mais” sugere este direcionamento da expressão “um bocado” no sentido do polo do  *muito*, mais do que na direção do  *pouco* (13) e participa duma estrutura de gradação, com valor escalar:

(15) as outras áreas do saber// e se calhar/ acho que tem **um bocado mais** a ver + eh/ acho que se pode/ eh /transmitir um bocado/ do que é a ciência/ também/ eh mais em paralelo/ não tanto como o conhecimento em si/ e que/ que neste caso é logo dividido/ mas tendo um bocado mais a ver com/ uma abordagem de/ eh/ um espírito (ppubdl06)

A constatação de que a maior parte dos exemplos de “um bocado” co-ocorrem com verbo copulativo e precedem um adjetivo valorativamente negativo, desempenhando um papel de atenuador do carácter assertivo do ato, é corroborada pelo facto de vários mitigadores surgirem, com frequência, no mesmo enunciado, contribuindo todos para o mesmo efeito de mitigação da responsabilidade enunciativa do locutor. Como exemplo, podemos ver (16):

(16) pá/ é assim um/ edifício cheio de linhas futuristas/ parece um bocado /assim estilo/ não é bem Schuiten and Peeters/ mas mais ou menos// assim uma coisa (pfammn11)

No exemplo transcrito, “assim”<sup>12</sup>, “parece”, “assim estilo”, “mais ou menos” “assim uma coisa” são elementos que têm função idêntica a “um bocado”, ou seja, vão no mesmo sentido de mitigação da asserção de cariz apreciativo do locutor sobre o edifício que quer caracterizar. Como Zhang afirma, sobre elementos como os analisados, “They reduce scalar intensity, soften impact, mark probability. Quantifiers expressing a small quantity mitigate more frequently than those expression a large quantity.” (Zhang 2015, 135).

### 3. Proposta de abordagem didáctica

Antes de apresentarmos alguma proposta de abordagem didáctica do género

<sup>12</sup> Para os valores de “assim”, ver Lopes e Carapinha (2004).

conversa oral informal, e mais precisamente do ensino das expressões “um bocado” e “um bocadinho”, no âmbito do PLE, considerámos relevante atentar ao *Quadro Europeu de Referência para as Línguas* (QECRL) (Conselho da Europa 2001) no que diz respeito aos registos informais no ensino de LE.

Partindo da especificação dos níveis, assim como da explicitação de alguns descritores, concluímos que a conversa informal e todo o trabalho que a sua abordagem pedagógica acarreta seriam adequados a partir do nível Limiar - B1, ainda que de forma mais incipiente nesse nível e de forma progressivamente mais aprofundada a partir dele.

Da descrição de competências linguístico-pragmáticas referidas no QECRL para o Nível B1 (Conselho da Europa 2001, 62), podemos depreender que a conversa e a discussão informais, atividades elencadas nas de tipo interativo oral pelo documento, começam a ser consideradas no nível Limiar. Também as indicações referentes às diferenças de registo se orientam para este nível<sup>13</sup>.

No entanto, nos descritores dedicados à interação oral geral, só nos níveis B2 e C2 podemos ver enfatizadas questões relacionadas com o domínio de expressões familiares e com fluência e espontaneidade na comunicação com falantes nativos:

C2 - Tem um bom domínio de expressões idiomáticas e de expressões familiares e uma consciência dos níveis conotativos de significação.

É capaz de exprimir com precisão variações finas de sentido, utilizando, com bastante correcção, uma enorme gama de modalidades.

É capaz de retomar uma dificuldade e reestruturá-la de tal modo que o interlocutor mal se apercebe disso.

B2 - É capaz de comunicar com um nível de fluência e de espontaneidade que torna possíveis as interacções com os falantes nativos sem que haja tensão para nenhuma das partes.

É capaz de dar ênfase àquilo que para ele é importante num acontecimento ou numa experiência, expor as suas opiniões e defendê-las com clareza, fornecendo explicações e argumentos. (Conselho da Europa 2001, 113)

---

<sup>13</sup> Como comprova a citação a seguir transcrita: «Nas primeiras fases da aprendizagem (digamos, até ao nível B1), é adequada a utilização de um registo neutro, a não ser que haja fortes razões em contrário. Este é o registo que utilizarão, provavelmente, os falantes nativos quando falam com estrangeiros e que geralmente esperam que estes utilizem. A familiaridade com registos mais formais ou mais familiares virá com o tempo, talvez através da leitura de diferentes tipos de texto, especialmente romances, apenas como uma competência de recepção. Deverá existir algum cuidado no uso dos registos mais formais ou mais familiares, uma vez que a sua utilização inadequada pode levar a más interpretações e ao ridículo». (Conselho da Europa 2001, 171).

No entanto, e apesar destas diretrizes do QECR (Conselho da Europa 2001), documento de referência por excelência, orientador das nossas práticas docentes, pelo menos no espaço europeu, defendemos que os aprendentes de níveis mais básicos podem contactar com e/ou ser expostos a conversas orais informais autênticas e/ou verosímeis, sobretudo quando o processo de ensino-aprendizagem se dá em contexto de imersão linguística. É pouco provável que um estudante de PLE que se encontre a viver em Portugal e que esteja em contacto com a sociedade hospedeira e os seus falantes nativos não se depare com características da conversa oral informal e com as expressões “um bocado” e “um bocadinho”, por exemplo. Ignorar esse facto e limitar as aulas à aprendizagem de uma língua aparentemente neutra é criar uma artificialidade em torno da língua-alvo que em nada auxiliará o aprendente a ultrapassar os obstáculos que pode encontrar diariamente, fora do espaço de sala de aula. A nossa experiência enquanto ensinantes de PLE dá-nos orientações em parte contrárias às do QECRL (Conselho da Europa 2001), já que, muitas vezes, são os próprios alunos que levam para o espaço de sala de aula questões relacionadas com a informalidade, mesmo em níveis iniciais. Ao tomarmos o aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem, vendo-o enquanto agente social, consideramos que o professor deve estar disponível para proceder a reajustes na sua planificação e atuação, sempre que estes se impõem como mais produtivos para o aprendente. Por outro lado, sobretudo quando se está em imersão, mas, a nosso ver, em quase todos os contextos, é mais adequado ensinar, tendencialmente, a língua em uso, do que uma língua fechada em gramáticas e dicionários, mas escassamente produzida pelos falantes reais.

Nesta linha, e tentando contrariar uma tendência para a exclusão de documentos orais informais reais ou verosímeis das aulas de PLE, de que já demos conta, temos vindo a implementar propostas didáticas junto de diferentes níveis (do nível A1.2 ao B1) com resultados genericamente positivos (Duarte e Carvalho, no prelo<sup>14</sup>). Essa abordagem prevê que os aprendentes sejam expostos a um registo áudio de uma conversa oral informal (curta), autêntica ou verosímil, dependendo das características dos estudantes, dos objetivos a atingir e dos recursos de qualidade disponíveis, e que a ouçam repetidas vezes, com o objetivo de passarem de uma análise global da conversa (podendo as primeiras questões do docente incidir, por exemplo, na identificação genérica do tema da conversa, do número de intervenientes, do espaço em que, plausivelmente, se encontram e do registo de língua) para uma análise cada vez mais detalhada.

As atividades que visam uma compreensão mais profunda e minuciosa da conversa podem passar pela identificação de informações precisas através de

---

<sup>14</sup> Também o relatório em curso da mestranda Laura Couto, do *Mestrado em Português Língua Segunda / Língua Estrangeira* da FLUP aponta para o mesmo tipo de resultados.

exercícios fechados (de tipologia verdadeiro/falso, de verdadeiro/falso/não sabemos, ou de escolha múltipla), pela explicação de idiomatismos ou seqüências em linguagem mais familiar (podendo, neste caso, os exercícios de escolha múltipla ser muito produtivos), não descurando a identificação de valores e funções pragmáticas de determinadas expressões, como marcadores discursivos, e as expressões abordadas neste texto, “um bocado” e “um bocadinho”, por exemplo.

Um outro aspeto que tem sido por nós tido em conta é o fonético, já que temos procurado chamar a atenção para todos os fenómenos típicos da oralidade informal e para a identificação da fronteira de palavra em segmentos mais compactos, referidos aliás como complexos para os aprendentes, pelo Ministério da Educação (2008) na introdução deste texto.

A nossa experiência com este tipo de abordagem tem-se revelado produtiva, ainda que muito desafiadora para os alunos e professores que a implementam. O facto de se tratar de uma atividade complexa, pela natureza dos documentos áudio, leva-nos a crer que os aprendentes devem ser advertidos, no início, da dificuldade da tarefa, mas também da sua utilidade, como potencial facilitadora de uma melhoria na compreensão e depois no uso deste género de texto.

Ainda que esta abordagem recorra à repetição de audições, não se tem revelado desmotivadora para os estudantes, dado que, no geral, se têm interessado em ir conhecendo o texto em profundidade, percebendo que, a cada nova audição, a informação se vai tornando mais clara e que estão em melhores condições de aceder ao sentido do texto e dos seus elementos.

No fim da exploração do documento áudio, acreditamos que é importante dar a transcrição do texto aos alunos, explorá-la uma última vez em conjunto, e colocar o registo áudio à disposição dos aprendentes para que o possam voltar a ouvir fora do espaço da aula, caso o entendam.

Como última fase de tarefa, temos solicitado que os aprendentes, em pequenos grupos e praticamente sem tempo de preparação, encetem uma curta conversa do mesmo género da escutada, tendo como um dos objetivos reutilizar algumas das expressões trabalhadas e listadas junto da instrução.

Nos níveis iniciais, pode-se introduzir a transcrição do texto e respetiva exploração antes da audição, como forma de tentar evitar uma possível rejeição da tarefa e facilitar a aproximação à conversa oral informal.

#### **4. Conclusões**

Falta fazer, para o PEC, uma gramática de usos que, entre outras funções, apoie o ensino do PLE. Para se chegar a propostas pedagógicas rentáveis, é necessário conhecer muito bem a língua que se ensina. Por isso, o primeiro momento deste texto dedicou-se à descrição, embora sumária, dos quantificadores nominais vagos em estudo. Quanto à abordagem por nós

realizada, baseada em *corpora*, que pretende contribuir para essa gramática a fazer, destacámos algumas conclusões.

A construção “um bocado de + N [+] concreto”, aparentemente a única prevista pela maior parte das descrições gramaticais e lexicográficas, corresponde, apenas, a 3,7% do total das ocorrências analisadas. Não considerámos neste trabalho, mas merece atenção futura, por ser relativamente frequente, o uso de “um bocado” como expressão de tempo, um tempo indeterminado, mas que está mais do lado do *muito* do que do *pouco*.

Como vimos, “um bocadinho de + N [+] concreto” indica, com alguma frequência (6,9%), uma pequena quantidade ou intensidade. “Um bocadinho” parece ser, portanto, mais quantificador, no sentido de indicador de pouca quantidade, enquanto que a expressão nominal vaga “um bocado” preferencialmente desresponsabiliza e mitiga, na maior parte dos casos, o ato assertivo ou expressivo de crítica.

Com frequência, coexistem vários elementos de modalização epistémica, naquilo a que Campos (1999) chamou “remodalização” / “sobremodalização”: a redução do “grau em que o enunciador assume a validação da relação predicativa modalizada.” (Campos 1999, 39).

Estes elementos fazem parte de estruturas gradativas, ou seja, eles “usually indicate degree and apply to gradable expressions” (Zhang 2015, 135), como forma de ajustar o enunciado às necessidades do locutor, isto é, como um verdadeiro exemplo de “elastic language”. Daí que tenhamos, com frequência, “um bocadinho mais” (19 ocorrências). O facto de “um bocadinho menos” ter apenas 2 ocorrências, ou seja, de “um bocadinho” ser sobretudo usado com “mais” e muito menos utilizado com “menos” parece apontar no sentido da nossa argumentação de que entra em expressões gradativas, mas do lado da máxima intensidade ou quantidade. Curiosamente, nestas expressões gradativas, “um bocadinho” é mais frequente do que “um bocado”.

Este trabalho apresenta óbvias limitações, uma das quais é o facto não termos levado em linha de conta a entoação para o estudo dos elementos em apreço. Se é verdade que ouvimos frequentemente as gravações alinhadas com o texto para podermos fazer juízos de valor sobre a função das expressões vagas em estudo, não fizemos um estudo da entoação e, porque não possuímos esses elementos, o nosso *corpus* não conta com as informações decorrentes da linguagem não verbal. No futuro, gostaríamos de analisar documentos do mesmo género discursivo, mas com registo audiovisual. Também seria interessante encontrar outras expressões nominais de quantificação vaga (cf. “uma pontinha”, “um nadinha”) e verificar se os seus valores e funções se assemelham aos de “um bocado” e “um bocadinho”.

Do ponto de vista do ensino do PLE, fica a convicção de que é preciso, primeiro, conhecer e descrever melhor as unidades em causa e depois



praticar, de modo explícito, o seu uso no discurso oral informal, quer do ponto de vista da compreensão, quer da produção / interação. Estas formas de quantificação vaga atenuante devem ser objeto de ensino e de treino explícito no contexto do PLE.

## Referências

- Azeredo, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- Bagão, Maria Teresa. “Compreensão do oral em aulas de PLE. Contributos para atividades no nível C.” Relatório de Mestrado, Universidade do Porto, 2014. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77491/2/105932.pdf>.
- Baptista, Laura. “O uso de estratégias de aprendizagem e a compreensão oral entre alunos do nível A1.2.” Relatório de Mestrado, Universidade do Porto, 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/83779/2/132701.pdf>.
- Brito, Ana Maria. “Quantificadores e expressões quantitativas”. In *Gramática da Língua Portuguesa*, editado por Maria Helena Mira Mateus et al., 355-365. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- Blommaert, Jan e Varis, Piia. “The importance of unimportant language”. *Multilingual Margins* 2.1.: 4-9, 2015.
- Campos, Henriqueta Costa. “Para uma distinção formal entre operações de modalização: sobremodalização e remodelização”. In *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 31-41. Porto: Universidade do Porto, 1999.
- Channell, Joanna. *Vague Language*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- Conselho da Europa. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Lisboa: Asa, 2001.
- Davies, M. e Ferreira, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*, (2006-). Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.
- Duarte, Isabel Margarida e Carvalho, Ângela. “Ensino de PLE, conversa oral informal e vagueza algumas sugestões”. In *O ensino do Português como Língua Estrangeira: reflexões sobre a prática pedagógica*, editado por Gonçalves, Luís, 89-103. Roosevelt, NJ: American Organization of Teachers of Portuguese, 2016a.
- \_\_\_\_\_. “Discours rapporté dans l’oral informel: l’imprécision”. In *Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes* (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 10 : Linguistique textuelle et analyse du discours. Nancy, editado por A. Berrendonner, M.-B. Mosegaard Hansen, R. P. Zafiu, 2016b. Disponível em: <http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-10/CILPR-2013-10-Duarte-Carvalho.pdf>.
- \_\_\_\_\_. “Conversazione orale informale e linguaggio vago - “um

- bocado” e “um bocadinho”: contributi per l’apprendimento del portoghese lingua straniera”. Poster apresentado no *XXVIII Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romana*, Roma, Julho 18-23, 2016c.
- \_\_\_\_\_. Treino da oralidade na aula de PLE: uma experiência com conversas orais informais no nível A. In *Studia Universitatis Babeş-Bolyai no. 2/2018*, organizado por Pop, Liana, Cluj-Napoca: Universidade Babeş-Bolyai, (no prelo).
- Gonçalves, Anabela e Raposo, Eduardo B. Paiva. “Verbo e sintagma verbal”. In *Gramática do Português*. II Raposo, Eduardo Paiva et al., 1155-1218. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- Halpern, Manuel. “É assim, prontos, então vá.” *Visão*, março 9, 2012.
- Johnen, Thomas. “La représentation écrite de l’oral dans des méthodes de Portugais Langue Étrangère. In *Les rapports entre l’oral et l’écrit dans les langues romanes*. Editado por Araújo Carreira, Maria Helena. 307-328. Paris: Université Paris 8, Vincennes, Saint Denis, 2012.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine e Traverso, Véronique. *Types d’interactions et genres de l’oral*. *Langages* 38, 41–51, 2004.
- Lopes, Ana Cristina Macário e Carapinha, Conceição. “Contributos para uma análise semântico-pragmática das construções com assim”. *Cadernos de Linguística* 5: 57 – 80, 2004.
- Ministério da Educação. *Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna (PLNM)*, 2008. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb\\_orient\\_programat\\_plnm\\_versaofinalabril08.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_orient_programat_plnm_versaofinalabril08.pdf) [última consulta 18 janeiro 2017].
- Matos, Sérgio. “A cultura pela língua: algumas reflexões sobre pragmática (inter)cultural e ensino-aprendizagem de língua não materna”. In *O fascínio da linguagem: actas do colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, organizado por Duarte, Isabel Margarida e Oliveira, Fátima, 391-406. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2008.
- Neves, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- Raposo, Eduardo Paiva et al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- Raposo, Eduardo B. Paiva. “Locuções adverbiais”. *Gramática do Português*. II. In Raposo, Eduardo Paiva et al., 1581-1583. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- Rio-Torto, Graça (coord.). *Gramática Derivacional do Português*. 2ª ed.. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.
- Rocha, Diogo. “Da compreensão à produção oral: desenvolvimento de competências em sala de aula”. Relatório de Mestrado, Universidade

- do Porto, 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/87624/2/165141.pdf>.
- Ruzaitė, Jūratė. *Vague Language in Educational Settings: Quantifiers and Approximators in British and American English*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.
- Sabet, Peymane Zhang, Grace. *Communicating through Vague Language. A Comparative Study of L1 and L2 Speakers*. Londres: Palgrave Macmillan UK, 2015.
- Tomé, Simone e Carvalho, Ângela. “Falar em Alemão ou em Português no nível de iniciação – porque (não)?: Percepções de estudantes e consequências para a prática letiva” Conferência apresentada no *Colóquio Comemorativo do Quadragésimo Aniversário do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, Porto, Novembro 24-25, 2016.
- Zhang, Grace. *Elastic Language. How and Why we Stretch our Words*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

### Dicionários

- Buarque de Holanda Ferreira, Aurélio. 1986. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
2001. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo.
2004. *Grande Dicionário Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Houaiss, António (ed). 2001. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Machado, José Pedro. 1977. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, António de Morais. 1987. *Novo dicionário compacto da língua portuguesa*. Ed. compacta segundo a 10ª. ed. rev., muito aumentada e actualizada. Lisboa: Confluência.

C-ORAL-ROM